

O turismo sexual no Brasil

ANTONIO JONAS DIAS FILHO

UNIME-Bahia

RESUMO

Este trabalho está baseado em uma pesquisa sobre turismo e comércio do sexo no Brasil. Foram usadas diferentes fontes para obtermos os dados e as informações: estatísticas; análise de imagens nos postais ou nos jornais, revistas e catálogos de organizações públicas e particulares implicadas no turismo local; também narrações e outras informações sob este problema. Um outro tema objeto de estudo foi a situação entre o tráfico de mulheres e o turismo sexual no Brasil e no mundo desde os anos noventa do século XX.

Palavras chave: turismo sexual, identidades, tráfico de mulheres, exploração sexual

ABSTRACT

This work is based on exploratory research about the tourism and commerce of sex in Brazil. We use different sources to obtain information and data: statistics; analysis of images in the postcards or in newspaper, magazines and the catalogues of public and private organizations that are involved in local tourism; narratives and other information about this problem. Other emphasis is: the situation between *women trafic x sexual tourism* in Brazil and around the world since ninety's years.

Keywords: sexual tourism, identities, women trafic, sexual exploration.

Quando fui contatado para escrever este artigo senti, ao mesmo tempo um misto de satisfação e responsabilidade muito grande porque, apesar de ter pesquisado bastante acerca do Turismo Sexual no Brasil e particularmente na Bahia, onde resido, a minha experiência pessoal com esse tema mostrou que as suas fronteiras são muito amplas e em constante mutação, seja por fatores econômicos, culturais, ideológicos, pessoais ou pela

quase ausência de boas publicações sobre o assunto, o que torna a tarefa de quem resolve investigar essa problemática, bastante espinhosa.

Desde de 1992, quando estava na Suíça e pela primeira vez me dei conta da existência de uma conexão articulada entre, Turismo e Sexo através dos Continentes, venho observando de perto o “Circuito do Turismo Sexual”¹, principalmente entre o Brasil e a Europa. São praticamente 10 anos de pesquisa que redundaram em um artigo², uma dissertação³ e um trabalho de apoio para informação acerca do Tráfico Internacional de Mulheres, junto ao Projeto CHAME da Universidade Federal da Bahia⁴.

Esse tempo serviu também, para que pudéssemos confirmar algumas hipóteses sobre o assunto e é em cima desses resultados que pretendemos desenvolver o presente artigo, não sem antes alertar aos leitores que os limites de um trabalho sob forma de texto simples, não permitem o aprofundamento de um tema dessa magnitude. Portanto, nos deteremos às questões mais centrais e que têm determinado a existência e expansão do Turismo Sexual no Brasil.

Para a realização do presente artigo, surgiram muitas dificuldades, principalmente para determinar as fontes mais atualizadas, bem como a reestruturação da lógica de atores, eventos e circunstâncias que perpetuam a dinâmica do Turismo Sexual. Essas dificuldades, como nós já suspeitávamos, foram se acumulando à medida que nos dávamos conta da velocidade com que o Circuito havia mudado desde a nossa última incursão em campo. Sendo assim, nos baseamos numa metodologia centrada nas fontes primárias e secundárias atualmente disponíveis, tais como: jornais e revistas, processos da Polícia Federal, relatórios internos de empresas de turismo dos estados mais atingidos, além de depoimentos de pessoas ligadas aos órgãos oficiais, à iniciativa privada, as ONGS de direitos humanos e alguns informantes que foram utilizados quando escrevemos os trabalhos anteriores sobre o mesmo assunto. Essas dificuldades determinam ainda a natureza autoral do presente artigo, tendo em vista a escassez de bibliografia acerca do tema.

1. AS RAÍZES DO PROBLEMA

Para que possamos situar os nossos argumentos, é necessário fazer um pequeno recuo na história. Com o final da 2ª Guerra Mundial, a movimentação ilegal de grandes contingentes de mulheres para a prostituição ao redor do planeta, se intensificou bastante embora essa prática já existisse bem antes, só que em menor escala.

1 Circuito do Turismo Sexual corresponde a articulação de lugares, eventos e atores que dão vida ao comércio do sexo através de viagens em torno dos continentes ou dentro de um mesmo país.

2 *As Mulatas que não estão no mapa*, PAGU/UNICAMP/1996.

3 *Ritas, Fulôds, Gabrielas, Gringólogas e Garotas de Programa*, deixa dúvida defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1998.

4 *O outro lado do turismo em Salvador*: suplemento informativo produzido para o Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME).

As principais motivações, dessa circulação teriam sido, os problemas econômicos e a falta de emprego para mulheres: nos anos 30, por causa da grande crise econômica mundial, que se iniciou em 1929 com a quebra da Bolsa de Nova York e, nos anos 50 como consequência dos estragos da segunda guerra.

Porém, foram os anos 70 que propiciaram os primeiros sinais claros da existência de ligações entre essa movimentação e o Turismo oficial. Nesse período, os pacotes turísticos, que tinham como destinos principais as Filipinas, a Tailândia, a América Central e a África, passaram a ser organizados por agências credenciadas legalmente em países, como Alemanha, Japão, França e Estados Unidos, por exemplo.

O Brasil vivia, neste período, a Ditadura Militar que teve início em 1964 durando até a metade da década de 80 e que, entre outras coisas, abraçou o ufanismo como uma de suas bandeiras, usando e abusando dos estereótipos que nos identificam como país e povo, para o resto do mundo: futebol, samba, carnaval, mulatas, praias e sol.

E foi precisamente no início da década de oitenta que o Brasil se consolidou como destino do Turismo Sexual. Nesse sentido, os “empresários do setor” contaram com uma aliada inesperada e de peso: a propaganda brasileira pró-turismo internacional, já que nas peças publicitárias, produzidas com esse intuito, o apelo à beleza natural, aos costumes típicos e ao erotismo das mulheres locais era explícito.

Em um anúncio internacional –em francês– da Empresa Bahiana de Turismo (BAHIATURSA) com o apoio da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) produzido justamente nos anos 80, sob o título “*La Terre du Bonheur*” (A Terra da Felicidade), encontramos a tradução precisa da propaganda turística desse período. O catálogo abre sua apresentação, vendendo a miscigenação do povo da Bahia, como atrativo turístico, usando a seguinte frase: “*Le charme et le beauté ont des racines africaines et européennes*” (O charme e a beleza dos habitantes vem das raízes africanas e européias).

O mesmo suplemento não esqueceu de mencionar de forma específica, as mulheres locais, dizendo o seguinte: “*L’allégresse et le charme de la mulâtresse, toute la tendresse de Bahia*” (Na alegria e no charme da mulata toda a meiguice da Bahia). Essa frase é acompanhada da foto de uma mulher mestiça numa pose sensual.

Esse tipo de propaganda, usada para apresentar o país foi, possivelmente, uma das chaves para abrir de vez, as portas do Brasil ao Turismo Sexual Internacional, pois contou com a falta de cuidado e acompanhamento por parte dos órgãos responsáveis do setor em relação ao que era produzido para vender a nossa imagem no exterior. Vale ressaltar, porém, que não acreditamos na tese da intencionalidade do Governo brasileiro em incentivar tal comércio, como defendem alguns estudiosos da questão, porém, entendemos que a contribuição da propaganda oficial e privada –que não foi fiscalizada– teve um papel fundamental para que o Brasil entrasse definitivamente nesse “Circuito”⁵, que movimentava milhares de dólares anuais, vendendo mulheres, sexo e eventualmente drogas.

5 Termo que se tornou peculiar para denominar a migração de mulheres caucasianas para a prostituição, principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

Apesar disso, não podemos debitar exclusivamente às propagandas o fato do Brasil ser, há mais de 20 anos, um dos destinos preferidos para o Turismo Sexual. Existem outras causas entre as quais podemos destacar as seguintes:

1) Os anos 80 foram muito difíceis para o Brasil, no que diz respeito à Economia. O país vivia a hiperinflação e o aumento incontrolável do endividamento externo. O setor industrial, em forte recessão, fez com que a classe média ficasse mais pobre e a população de baixa renda sem emprego ou com baixíssimos salários. Nesse quadro sombrio, uma das saídas foi a captação de divisas no exterior –leia-se Dólares– através do incentivo ao Turismo Internacional, que passou a receber de forma massiva, o apoio do Governo e isso, como já dissemos, foi um campo propício para a propaganda sem critérios enaltecendo as belezas naturais entre as quais se destacavam as próprias mulheres brasileiras;

2) Havia uma forte pressão, principalmente dos movimentos internacionais de defesa das mulheres, contra a exploração sexual e o tráfico de escravas brancas partindo da Ásia e da América Central para a Europa e EUA, como também das férias sexuais de homens japoneses (em busca de virgens tailandesas) e de europeus e norte-americanos ou para a própria Ásia ou para países da América Central, como a República Dominicana. Assim, o Brasil passou a ser uma das alternativas possíveis para aquele momento;

3) A falta de planejamento adequado para disciplinar o fluxo turístico para o Brasil, aliado a pobreza instalada nas principais regiões de atração turística, como o Nordeste, por exemplo, também serviram de campo para a atuação dos aliciadores de mulheres que puderam se instalar, receber os turistas estrangeiros que vinham atraídos pela propaganda oficial e propiciar-lhes o que antes era buscado no Caribe e no Pacífico: *sea, sun and sex*.

Nos anos 90, contexto que escolhemos para desenvolver melhor a nossa análise, o Turismo Sexual se consolidou no Brasil, diversificando os seus canais de contato com o exterior. Os turistas sexuais –principalmente da Europa e da Argentina– passaram a ocupar uma fatia significativa nas estatísticas de entrada dos estados litorâneos do Nordeste além do Rio de Janeiro e de Santa Catarina.

2. O CIRCUITO DO TURISMO SEXUAL NO BRASIL

2.1. Mapeando o problema

Quando usamos a palavra “Circuito”, para ilustrar a presença do Turismo Sexual no cenário do mercado turístico mundial, não o fizemos por mero acaso, pois consideramos que a forma como esse fenômeno se expandiu nas últimas três décadas mostram justamente isso: *uma movimentação constante de pessoas por diversos lugares e em diversas épocas do ano, combinando ao mesmo tempo, lazer e sexo*.

Defendemos a tese de que esse “Circuito” existe dentro de cada país (seja ele, receptor de turistas sexuais e/ou base para exploração de mulheres, visando a prostitui-

ção ou a emigração ilegal) e entre os principais países – respectivamente emissores e receptores. Para ilustrar melhor essa afirmação elaboramos dois quadros bem sintéticos: sobre o “Circuito” no mundo (Quadro 1) e no Brasil (Quadro 2).

QUADRO 1
O Circuito no Mundo

EMISSORES (E)	RECEPTORES (R)		
Estados Unidos (E)	República Dominicana (R)	México e Brasil (R)	Filipinas (R)
Itália (E)	República Dominicana (R)	Países do Caribe (R)	Brasil (R)
Espanha (E)	Cuba, México (R)	República Dominicana (R)	Brasil (R)
Suíça (E)	Guianas (R)	República Dominicana (R)	Brasil (R)
França (E)	Gana, Senegal (R)	Guianas (R)	Brasil (R)
Alemanha (E)	Tailândia (R)	Países do Caribe (R)	Brasil (R)
Japão (E)	Tailândia (R)	Filipinas (R)	Indonésia (R)
Holanda (E)	Guianas (R)	Países do Caribe (R)	Brasil (R)

Fonte: Levantamentos em publicações sobre o tema e na internet (1996-2001).

Como dissemos, este é um Quadro muito sintético do “Circuito” e não retrata todas as suas ramificações e sim, os principais emissores e receptores no período que vai de 1996 a 2001. Essa situação evidentemente muda o tempo todo devido à própria característica desse tipo de comércio.

No entanto, podemos afirmar que, apesar dos países da União Européia (UE) contarem com leis que punem os seus cidadãos quando os mesmos forem flagrados como turistas sexuais –principalmente quando essa prática envolver crianças– os alemães e os holandeses continuam sendo os turistas que mais viajam ao exterior em busca de aventuras sexuais⁶. Em relação aos primeiros existem dados mostrando que entre 20 e 40% dos homens daquele país fazem turismo sexual e que entre eles 10% afirmam ter mantido relações sexuais com nativas e até menores de idade. Os números em relação aos holandeses mostram que, a cada ano cerca de 40 a 50 mil homens viajam para o exterior à procura de sexo.

A efervescência desse comércio fez com que a emigração ilegal, de mulheres, saindo dos países pobres e/ou em desenvolvimento rumo, principalmente à Europa e EUA, também crescesse assustadoramente. Segundo dados extra-oficiais de órgãos responsáveis pelo movimento de entrada e saída do Brasil, a maioria das mulheres brasileiras que estavam vivendo ilegalmente em Portugal – entre 1997 e 1999, trabalhavam como prostitutas e tinham documentos falsos. Na Suíça, de acordo com associações feministas daquele país⁷ 40% das dançarinas de *night clubs* que estão lá, são oriundas do Brasil.

6 Encontros com mulheres para a prática de sexo, orgias, práticas de pedofilia, etc.

7 FITZ (Suíça).

De acordo com informações da Polícia Federal, a situação da emigração ilegal de mulheres para a prostituição em várias partes do mundo, tem aumentado muito nos últimos anos. Um exemplo concreto dessa prática foi a descoberta, em julho de 2001, de uma rede entre o Rio de Janeiro, Portugal e Espanha que passou a ser investigada por ter levado ilegalmente, 12 mulheres para os referidos países. Esse tipo de situação já existe em cidades norte-americanas como, Nova York, Los Angeles, Miami e Boston.

Em relação ao Brasil, o comportamento do “Circuito” aqui dentro, apresenta características bem peculiares e nós poderemos explicar melhor por causa da nossa vivência no país e devido às pesquisas que fizemos em torno do tema.

A exemplo do que fizemos para ilustrar uma parte significativa do funcionamento do “Circuito”, no mundo, o Quadro 2 pretende mostrar em linhas gerais, como o mesmo se distribui no Brasil, sempre tomando como marcos referenciais o período entre 1996 e 1999. Vale ressaltar que estaremos demonstrando os principais Estados Receptores (ER) e os principais Países Emissores (PE).

QUADRO 2
O Circuito no Brasil

PAÍSES EMISSORES (PE)	ESTADOS RECEPTORES (ER)		
Alemanha (PE)	Bahia, Pernambuco, Ceará (ER)	Rio de Janeiro, Santa Catarina(ER)	Amazonas e Pará(ER)
França (PE)	Ceará, Pernambuco e Bahia (ER)	Rio de Janeiro(ER)	–
Holanda (PE)	Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia (ER)	Rio de Janeiro(ER)	Pará e Amazonas(ER)
Espanha (PE)	Bahia e Pernambuco (ER)	Rio de Janeiro e Espírito Santo (ER)	Santa Catarina(ER)
Inglaterra (PE)	Bahia e Pernambuco (ER)	São Paulo e Rio de Janeiro (ER)	Santa Catarina(ER)
Suíça (PE)	Bahia, Ceará, Pernambuco (ER)	Rio de Janeiro(ER)	Pará (ER)
EUA (PE)	Ceará (ER)	Rio de Janeiro, São Paulo (ER)	–
Itália (PE)	Pernambuco e Bahia (ER)	Rio de Janeiro(ER)	Santa Catarina(ER)
Argentina (PE)	Pernambuco e Bahia (ER)	Rio de Janeiro(ER)	Santa Catarina(ER)
Portugal (PE)	Ceará (ER)	Rio de Janeiro(ER)	–

Fonte: Levantamentos atualizados pelo próprio autor (1996-2001).

Este quadro retrata os principais destinos para onde se dirigem os turistas sexuais que chegam ao Brasil. No entanto, existem outros países emissores, como também Estados receptores. Lamentavelmente, não é possível fazer uma pesquisa completa e exaustiva, devido à extensão do país e à própria dinâmica do Circuito.

Existem outros estados que têm despontado também como receptores do Turismo Sexual no Brasil. Essa afirmação se baseia em dados da Polícia Federal e do Ministério Público, que identificaram uma nova conexão que liga os estados de Goiás, Espírito Santo, Mato Grosso e Amazonas.

Além disso, podemos afirmar, com base nos nossos levantamentos de campo junto às entidades oficiais, não-governamentais, fontes orais e pesquisas de outros autores ligados ao tema⁸, que:

- 1) Esses são os países que mais aparecem nas estatísticas de entradas no Brasil com algum tipo de associação ao Turismo Sexual;
- 2) Os Estados citados são os mais procurados pelos Turistas que buscam aventuras sexuais no Brasil;
- 3) A chegada desses turistas está, na maioria das vezes, associada a pacotes comprados em agências que estão instaladas no Brasil e no exterior;
- 4) O fluxo maior ou menor de chegadas, está associado às estações do ano, principalmente a primavera e o verão brasileiro e o inverno na Europa e EUA (entre os meses de setembro e março o “Circuito” está em plena efervescência);
- 5) Os Estados litorâneos são os mais procurados, com destaque para: Rio de Janeiro (o campeão de entradas), Bahia, Pernambuco e Ceará, sendo que Santa Catarina também aparece com algum destaque;
- 6) Os Estados de São Paulo e Ceará são procurados preferencialmente pelos turistas norte-americanos e portugueses⁹, que parecem adotar critérios raciais, já que nesses locais o contingente populacional de pessoas negras não é majoritário e a grande maioria das mulheres que se envolvem ou são envolvidas com o Turismo Sexual são culturalmente consideradas como brancas;
- 7) Os turistas que se dirigem para o Estados do Norte, como Pará e Amazonas são, em sua maioria, agenciadores de redes de prostituição e tráfico de mulheres, adolescentes e crianças que se aproveitam das facilidades de estarem próximos à fronteira com as Guianas (importante ponto de emigração ilegal para a Europa).
- 8) Nos Estados citados, as cidades que despontam como as campeãs do Turismo Sexual são, pela ordem: Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); Salvador (Bahia); Recife (Pernambuco), Fortaleza (Ceará) e Florianópolis (Santa Catarina).

8 CHAME, CEDECA, MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, POLÍCIA FEDERAL, COMISSÃO DE DIREITOS DA MULHER DA CÂMARA FEDERAL; Agenciadores, comerciantes, etc.

9 Piscitelli, A., *Sexo Tropical: comentários sobre gênero e raça em alguns textos da mídia brasileira*. PAGU/UNICAMP. Campinas, 1996.

2.2. Como funciona o “Circuito”

No Brasil, o “Circuito” é movimentado pela existência de atores, lugares e eventos, que criam o cenário ideal para o Turismo Sexual. Os atores seriam as mulheres, os turistas, os agenciadores e uma série de outros personagens coadjuvantes. Os lugares seriam, preferencialmente, a imensa orla marítima do Brasil e outros lugares considerados *points* turísticos do país. Os eventos estariam ligados ao calendário da alta e da baixa estação que ditam o ritmo de entrada e saída dos turistas sexuais no Brasil e em cada Estado.

Quando, em 1996, nos foi encomendado um mapeamento¹⁰ acerca do Turismo Sexual na cidade de Salvador na Bahia, tivemos a oportunidade de levantar essas hipóteses que depois foram confirmadas com a pesquisa de campo e reforçada quando comparada à movimentação desse tipo de turismo em outros Estados do Brasil, particularmente, o Rio de Janeiro, Pernambuco e Ceará, onde estivemos por diversas vezes observando e levantando o mesmo tipo de informação, entre 1998 e 1999.

O funcionamento interno do “Circuito” obedece a uma lógica muito clara de demanda e oferta, como em qualquer outro tipo de negócio, o que muda são as estratégias para a manutenção: do lucro, do fluxo de compradores e do oferecimento dos produtos – mulheres, sexo e férias. Para isso, o papel exercido por aqueles que denominamos de atores, precisa ser bem claro e isso efetivamente pudemos verificar *in loco*. Neste sentido, entendemos que a descrição do perfil de cada um deles é fundamental para que se tenha uma dimensão da dinâmica do “Circuito”.

O perfil dos turistas que chegam ao Brasil em busca de aventuras sexuais, através de agências especializadas ou por conta própria, apresenta as seguintes características:

- 1) Quanto à procedência, sabe-se que a maioria vem da Europa, dos EUA e, principalmente no Sul do país, aparecem os que vêm da Argentina;
- 2) São operários, comerciantes, executivos, profissionais liberais e até estudantes, com uma média de idade que varia de 25 a 65 anos entre os europeus; 25 a 50 entre os norte-americanos e 20 a 50 entre os Argentinos¹¹;
- 3) Os campeões de entradas no Brasil são os alemães, seguidos dos argentinos e espanhóis;
- 4) A época do ano mais procurada é o verão, principalmente nos meses de janeiro e fevereiro devido à proximidade com o carnaval;
- 5) O tempo de permanência varia de 15 dias ao máximo permitido para um turista, ou seja, três meses;
- 6) Hospedam-se em hotéis, pousadas e apartamentos por temporada, próximos às orlas marítimas;

10 Relatório de Pesquisa encomendado pelo Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME).

11 Fonte: Projeto CHAME/CEDECA.

- 7) Recorrem a ajuda de agenciadores locais ou se dirigem aos *nights clubs*, boates ou pontos turísticos onde a presença de mulheres ligadas ao turismo sexual é uma constante;
- 8) Chegam a gastar entre U\$ 50 e 100 dólares por semana se forem contados apenas alimentação, transporte e sexo.

Quanto às mulheres, o perfil vai variar a depender da região e o tipo de turista. Apesar disso, podemos destacar as seguintes características:

- 1) Em relação ao critério racial – muito importante na escolha do turista sexual – podemos dizer que: em Estados como Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, as negras e mulatas ou mestiças são as mais procuradas; no Ceará, em São Paulo, Espírito Santo e em Santa Catarina, prevalece a procura por mulheres de pele clara e na região amazônica àquelas que apresentam fenótipo indígena, ou seja, pele escura e cabelos pretos lisos;
- 2) A idade varia de 18 a 25 anos, embora muitas mulheres usem documentos falsos, por serem menores de idade, com isso a idade mínima da maioria delas pode descer até para 14 anos. Além disso, existe ainda a presença de crianças envolvidas nesse tipo de comércio;
- 3) Quanto à escolaridade e a classe social, observa-se que: nas regiões norte e nordeste (nos estados do Pará e Amazonas e na Bahia, no Ceará, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte) as mulheres são geralmente pobres e não estudaram mais do que 6 anos. Já nas regiões sul e sudeste, nos estados de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, pode-se encontrar mulheres até com nível superior e oriundas da classe média empobrecida devido a problemas econômicos, muito embora, a presença de mulheres pobres, nesses locais, também seja significativa;
- 4) A maior parte das mulheres do “Circuito”, são agenciadas (trabalham para pessoas ou grupos que controlam negócios ligados à indústria do sexo, no Brasil e em alguns casos, no exterior), atendem em hotéis, motéis ou passam a morar com os turistas, nos apartamentos alugados por temporada, enquanto eles permanecerem na cidade. Existem ainda algumas que agem por conta própria, frequentando locais onde a presença de turistas em busca de sexo é sempre certa;
- 5) Àquelas que são agenciadas podem ganhar de U\$ 25 a 300 dólares com cada turista, a depender do tempo que permaneçam com os mesmos, dos atributos físicos de cada uma e do tipo de sexo que pratiquem. No entanto, como veremos mais adiante, os agenciadores ficam com quase tudo;
- 6) As mulheres do “Circuito” se destacam das prostitutas ou garotas de programa locais porque boa parte delas são selecionadas para viajar ao exterior e atender, preferencialmente, turistas estrangeiros. Em alguns lugares chegam a falar outros idiomas para facilitar os contatos. No entanto, existe o envolvimento das prostitutas locais com os turistas;

7) Na alta estação do “Circuito” (setembro/março) elas trabalham no Brasil e na baixa estação (maio/agosto) algumas são levadas para trabalhar como prostitutas ou dançarinas, principalmente na Europa e outras ficam para atender os turistas que chegam devido às férias de verão do hemisfério norte.

Em nossas pesquisas verificamos que, a maior parte dos turistas, são heterossexuais e procuram mulheres. No entanto, o número de pedófilos cresce muito, tendo em vista a quantidade de menores de 10 a 16 anos, flagradas em companhia dos mesmos em hotéis, motéis, apartamentos por temporada ou mesmo ao ar livre, em praias ou restaurantes da extensa orla marítima brasileira. O turismo sexual voltado para os homossexuais e para as mulheres ainda não tem a mesma dimensão, mas já possui um fluxo anual considerável.

O terceiro grupo são os agenciadores e facilitadores, que fazem a ponte entre as mulheres e os turistas. Essa ligação pode ser feita aqui mesmo no Brasil ou daqui para o exterior, já que várias agências e empresários do sexo estrangeiros, possuem parceiros locais.

De acordo com o que pudemos apurar, o perfil dos agenciadores e dos facilitadores é o seguinte:

- 1) Um grupo, que denominamos de agenciadores, é formado por ex-garotos e garotas de programa, comerciantes, trabalhadores autônomos do setor de serviços (garçons, motoristas de táxi, guias turísticos), profissionais liberais (advogados, administradores). O outro que chamamos de facilitadores é formado por vendedores ambulantes, jornalheiros, funcionários de hotéis, guardadores de carro, seguranças e até policiais;
- 2) Os dois grupos se diferenciam pelos seguintes aspectos: os agenciadores investem na organização do Circuito (montando pacotes e roteiros para os turistas, recrutando e produzindo as mulheres e ficando com a maior parte do lucro obtido por elas) enquanto os facilitadores trabalham nas ruas, em hotéis, empresas de viagens, pontos de táxi (fazendo pequenos serviços para os agenciadores).

Devido à grande dinâmica do “Circuito”, além da sua extensão dentro do território brasileiro, podemos afirmar que milhares de pessoas se acham envolvidas, direta e indiretamente com o mesmo, gerando lucros vultosos para os Agenciadores, como também para o setor turístico oficialmente instalado no país, pois “o gringo”¹² como são chamados esses turistas, também consomem outros produtos e serviços, como passagens aéreas e terrestres, hotéis, restaurantes, etc. No entanto, não encontramos ainda nenhum indício de parceria clara entre empresários do turismo sexual e àqueles que atuam legalmente na área de lazer e viagens.

12 Termo que se tornou sinônimo, no Brasil, para pessoas que vêm da Europa ou EUA.

Apesar disso, não é possível responder com números precisos às seguintes perguntas: Do total de visitantes que, anualmente, chegam ao Brasil, qual seria o percentual de turistas sexuais? Qual o total de pessoas envolvidas diretamente com o Turismo Sexual? Qual o lucro dos Agenciadores que investem neste tipo de negócio? Quanto ganham as mulheres? Qual o percentual de lucro (direto e indireto) dos setores de comércio e serviços?

Esse vazio de dados se deve à falta de interesse das autoridades responsáveis pelo setor de viagens e lazer em monitorar o “Circuito” ou outro nome qualquer que se queira dar ao Turismo com objetivos sexuais. Aliado a esse fato existe ainda: a falta de sincronia entre as entidades de direitos da mulher, da infância e adolescência e das ONG’S preocupadas com a questão, já que as mesmas ainda não atentaram para a importância de compartilhar informações de maneira mais sistemática e a posição das autoridades legais, nos âmbitos estadual e federal, que negam a existência de uma “rota” do turismo sexual passando pelo Brasil.

2.3. Os Desdobramentos do “Circuito”

Como conseqüências diretas do Turismo Sexual, outros problemas, envolvendo os mesmos personagens citados acima e outros, vêm à tona merecendo também muita atenção, pois aos nossos olhos, representam uma parcela significativa do lucro obtido pelos agenciadores nacionais e internacionais, que investem na indústria do sexo baseada no turismo, além disso, eles ameaçam os Direitos Humanos e a Saúde Pública.

O primeiro problema é que o “Circuito” alimenta um outro tipo de comércio: o “Tráfico Internacional de Mulheres”. No Brasil, as mesmas rotas usadas pelos turistas sexuais servem para o tráfico de mulheres, que geralmente saem daqui para a Europa. O destino da maioria delas são as casas de *strep tease*, e agências de casamento que também atuam com prostituição. Os países que, segundo a imprensa e a Polícia Federal, mais aparecem nas estatísticas de imigração ilegal de mulheres brasileiras para esses fins, são a Espanha, a Alemanha e Portugal. Suíça e França também podem ser mencionados como participantes ativos. Os Estados que mais participam do tráfico seriam: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Amazonas e Santa Catarina.

O segundo problema diz respeito ao abuso sexual de crianças e adolescentes, que ficam expostas, tanto aos agenciadores que as compram no interior do país e nas periferias das cidades que fazem parte do Circuito, quanto aos turistas sexuais que as encontram perambulando pelas ruas fugidas de lares miseráveis e violentos ou oferecidas por agenciadores. Muitas dessas crianças e adolescentes têm os seus documentos falsificados e são também traficadas para o exterior.

O terceiro problema ou conseqüência mais visível do “Circuito” no Brasil é de Saúde Pública. Segundo depoimentos de mulheres que mantêm relações sexuais com turistas estrangeiros, o uso de preservativos é quase um tabu e esse fato aumenta a probabilidade de doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS.

Como pode ser observado, além do próprio “Circuito” existem outros problemas que são conseqüentes e paralelos à sua existência. Apesar dessa constatação parecer óbvia, as autoridades insistem em negar que o Turismo Sexual está implantado no Brasil e se expande com muita velocidade. Como veremos a seguir, a despeito dessa falta de empenho, algumas organizações de Direitos Humanos, vêm se movimentando no sentido de alertar a comunidade internacional e à população brasileira, sobre os riscos a que estão expostas, mulheres, crianças e adolescentes pobres – potenciais vítimas desse comércio.

2.4. As Formas de Prevenção e seus Problemas

Embora aconteçam de forma bastante tímida para a extensão do problema, algumas campanhas, voltadas principalmente para a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil, tem movimentado entidades da sociedade civil nos últimos anos.

Exemplos concretos dessas ações têm partido de entidades localizadas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e São Paulo. Nesses locais as campanhas se baseiam em artigos de jornais de grande circulação, passeatas, moções de repúdio junto às autoridades legislativas e judiciais.

Um passo importante, no sentido de combater efetivamente o Turismo Sexual, principalmente em relação às crianças e adolescentes, foi o engajamento da Rainha Silvia da Suécia, que se comprometeu junto ao Itamaraty (órgão da diplomacia brasileira) em difundir uma campanha em toda Europa – inclusive nos países mais incidentes – para que os turistas do sexo sejam punidos através da lei.

No Estado da Bahia, por exemplo, o Projeto CHAME tem participado ativamente desse processo através da elaboração de estratégias de informação – cursos e palestras em escolas, produção de folders, out doors, cartazes e artigos em jornais locais e de circulação nacional.

Apesar disso, esses esforços têm esbarrado na forte organização dos agenciadores, na situação econômica que acaba colocando o Turismo Sexual como opção para as mulheres e jovens pobres, no receio das autoridades, que não querem assumir a direção do problema e a banalização por parte da sociedade que devido à falta de informação, naturaliza o problema dando justificativas que vão, do romantismo nas relações entre estrangeiros e brasileiras, à necessidade de sobrevivência por parte das mesmas.

3. CONCLUSÕES

A próxima temporada de verão promete ser igual a dos últimos anos e a nossa perspectiva não é nada otimista. Essa afirmação se baseia, em parte, nos dados apresentados anteriormente e nos rumos da economia, pois à medida em que consolida o seu modelo, relega milhões de pessoas à exclusão social, o que inclui as mulheres de baixa renda – principais alvos dos agenciadores nacionais e internacionais.

Quanto ao “Circuito Internacional”, esse não tem fim e se perpetua a cada nova rota descoberta pelos agenciadores e turistas. Em relação ao Brasil, os sinais da ligação entre o Turismo Sexual e o Tráfico de Mulheres, são cada vez mais claros o que reforça a tese de que os grupos que controlam essas duas atividades têm expandido seus negócios no país e dependem uns dos outros para sobreviver.

Em relação às mulheres e adolescentes que participam das temporadas de Turismo Sexual no Brasil, a tendência é que elas continuem sendo facilmente recrutadas e que sejam protagonistas de situações de imigração ilegal, transmissão do vírus HIV, tráfico de entorpecentes (quando são enviadas para o exterior) e diversas formas de violência, inclusive assassinatos.

Os turistas sexuais continuam a chegar e devem repetir esse movimento sazonal a cada verão, pelo menos enquanto não existirem leis em seus países e no Brasil, que possam frear ou pelo menos conscientiza-los de que a atração pela beleza das brasileiras não pode ser o motivo para transações comerciais que envolvam a exploração da pobreza e da condição feminina, numa sociedade que já tem tantos débitos –principalmente no que diz respeito aos abusos sexuais– para com as mulheres.

Como uma última conclusão, gostaria de salientar que não é apenas a falta de informações oficiais que dificultam a criação de programas mais eficazes para o combate à exploração e o tráfico de mulheres, crianças e adolescentes. A ausência de um conjunto de artigos, teses, relatórios e outros trabalhos que retratem o problema também dificultam o entendimento e a atualização das informações sobre o Turismo Sexual no Brasil, ou seja, falta uma boa bibliografia para dar suporte ao Governo, aos pesquisadores e à própria imprensa que muitas vezes é mais sensacionalista do que objetiva quando trata desse assunto.